1.º anno — Lisboa, 20 de outubro de 1884 — Numero 17

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim, Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc

SUMMARIO

CHRONICA

Não sabes queridissima leitora?

Talvez não, e vou dizer-t'o, sentindo esvoaçar-me pelo espirito uma sombra de tristeza:—morreu Eduardo Coimbra, o delicado poeta que te apresentei ha dias, aqui, n'este mesmo logar onde hoje venho fazer o triste registro d'uma saudade pungitiva.

Os *Dispersos* foram o derradeiro lampejo da sua vitalidade prestes a extinguir-se. A pobre creança, preadivinhando o avisinhar sinistro da morte, conglobou n'um livro todas as canções da sua adolescencia, entreteceu, com as flores do seu bello talento de poeta, um pequenino *bouquet* exuberantissimo de perfumes, e deixou depois pender a fronte livida no regaço frio do tumulo.

Aquella boa alma não quiz erguer o vôo para os paramos incommensuraveis do desconhecido sem pagar ao amor materno uma divida sagrada. A mãe deralhe os primeiros beijos, elle deu-lhe em troca os seus primeiros versos, que foram tambem os ultimos. E ficaram as contas saldadas.

Ella recebeu em herança um ramilhete cujo aroma não se dissipará nunca: elle foi completar os seus dezesete annos á cova onde dorme, levando na face desbotada o precioso orvalho inextinguivel dos osculos maternos.

Pobre creança e desventurado poeta!

=Debalde tu me pedirás hoje, leitora, que seja expansivo e alegre. Em vão este claro sol quasi primaveral, que inunda a jorros o ambiente onde trabalho, me incita, com as suas caricias quentes, a des-

CURIOSAS! (Quadro de H. Bource)

cerrar os labios n'um bom sorriso denunciador de jubilos ineffaveis.

Sinto-me propenso para a mais estupida das tristezas. Hoje não sou eu que dirijo a penna pelo papel fóra, conscientemente, despreoccupadamente; é a penna que me dirige, que me governa, que exerce sobre mim o seu despotismo tyrannico.

A malvada arrasta-me no pendor da semsaboria, empurra-me para o caminho tortuoso e desflorido dos logares communs. Quero protestar, mas os diabinhos azues, que saltitam em dansa macabra no meu espirito doente, riem-se do protesto e dizem á penna molina que não se detenha na emissão d'umas banalidades insipidas como chá morno, soporiferas como dormideiras.

Seria por ter iniciado esta minha palestra semanal fallando d'um morto? Quem sabe!

Mas tu bem comprehendes que não devo cansar-te a paciencia discreteando sobre a questão dos caminhos de ferro do Norte e Leste ou sobre a ultima crise ministerial. São assumptos aridos que a politica absorve, explora e commenta, ao sabor das suas paixões multiplas e variadas. Arrancar aquillo aos dominios do artigo do fundo palavroso para o vir transplantar no canteiro da chronica incolor e eclectica, é como que trazer uma planta dos sertões africanos para os jardinsinhos anemicos de Lisboa.

Que te importa, a ti, que os accionistas portuguezes levem de vencida os seus collegas da França republicana? Em que póde interessar-te a substituição d'um governador civil, ou o cavaco somnolento de uma reunião de conselho de ministros realisada alta noite em Pedrouços, pelo cantar do gallo, quando o Tejo adormece, mansamente sob os osculos do luar e as formosas banhistas dormitam, tambem, como elle, sonhando com o beijo das aguas crystalinas que a sua epiderme assetinada recebera na vespera?

A patria não periga porque os conselheiros d'Estado noctambulos se reuniram a deshoras nas praias

A tua mocidade em flor não emmurchece, cara leitora das minhas pobres chronicas doudejantes, pelo simples facto de se ter demittido um magistrado administrativo.

A tua consciencia limpida e pura como um arminho não se revolta, expandindo tempestades, contra as administrações preteritas, presentes e futuras d'uma companhia de caminhos de ferro.

Deixal-os lá digladiarem-se á vontade, e tu não procures nunca saber o que ha de mysterioso n'essas contendas grotescas. Diverte-te pelos theatros, doudeja pelo Colyseu, e não arrisques o teu pésinho *cambré* nos meandros da politica. Olha que é perigoso...

—Diz-se que ja não vem a Judic.

Receiosa de passar fomes e de soffrer mil torturas no lazareto de Marvão, como lhe aconteceu no de Irun, a bella *Lili* não quer, segundo consta, aventurar-se a nova quarentena.

Por mais que lhe acenem de Lisboa com *ottomanas* de velludo, colchões flaccidos de sumaúma, pasteis do Cócó, *foie-gras* fresquinho, loiça das Caldas, queijadas da Sapa, marmelada d'Odivellas e chouriços de Portalegre, a medrosa Judic põe os pés á parede e faz uma figa torta á patria d'Anna Brites.

Chovem telegrammas convidativos e a bella franceza, moita. Enviam-se parlamentarios officiosos a Madrid, e nada. Fazem-se tentativas desesperadas, e zero. Tentam-se esforços sobrehumanos, e a *diva* não se commove.

Até houve já quem se offerecesse generosamente para lhe ensinar o *corridinho* nacional na fronteira, mas nem o fado a seduziu!

Se até ao dia 27 as quarentenas não forem supprimidas, se ao seu clemente não aprouver passar uma esponja sobre o cholera do reino visinho, adeus *Mam'zelle Nitouche*, adeus *Femme à Papa*, adeus Judic!

—Seguindo as pizadas da formosa *estrella* do *vaudeville* parisiense, tambem a *prima-donna* Coppea não quiz arriscar-se a vir para S. Carlos. Rescindiu o contracto já firmado, aquella festejada summidade artistica, e enviou lá de longe, a Campos Valdez, um *buona sera* frigidissimo, assim como quem diz:—governa-te!

E o caso é que, por este facto apparentemente simples, já não abre no dia 29 o theatro lyrico.

A raça das Judics e das Coppeas está destinada a ser o *cauchemar* das nossas emprezas theatraes.

Raça molina!

—Em vez de começar este singelo artigo registrando coisas funebres, deveria, talvez, tel-o iniciado por uma saudação profunda á gentilissima princeza cujo anniversario natalicio o paiz inteiro festejou ha pouco.

A chronica porém, não dispõe de flores que bastem para desfolhar diante d'aquella veneranda estatua da Caridade e da Virtude. Limita-se a pronunciar lhe, com entranhado respeito, o nome cheio de harmonias suaves, e a beijar-lhe a mão generosa, com a mais sincera das admirações.

CASIMIRO DANTAS.

NA RUA DA AMARGURA...

Oh! minha doce irmã, quem me diria,
A mim, que retratei a tua imagem,
Que no correr veloz d'esta viagem
Sem te reconhecer te encontraria!

Dizem-me seres tu! Serás, Maria?
Mas então, immensissima voragem
Te arrebatou, faminta, na passagem,
A eterna primavera de alegria!

O mesmo mar, bem vês; o mesmo ceu,
Aquelle que nos viu, nos conheceu
A crêr na flor azul—de nome esp'rança...

Só tu mudaste, minha pobre irmã!
Poder cruel fez noite essa manhã,
Alma toda de luz, triste criança!

SERGIO DE CASTRO.

O UNIFORME DOS DEPUTADOS

A camara dos deputados em 1826, ao elaborar o seu projecto de regulamento interno, deliberou que os seus membros tivessem uniforme e que esse uniforme fosse o seguinte:

Artigo 95.—O uniforme dos deputados será da fórma seguinte: casaca de panno azul com a gola e canhão bordados de quinas e castellos de prata e botões brancos lisos; colete branco não havendo lucto; calças azues justas e botinas; chapeu armado com laço azul e encarnado e presilhas de prata, sem espada.

Era um uniforme como outro qualquer, mas José Antonio Guerreiro, como relator, entendeu que devia justificar este artigo do projecto, e escreveu um periodo, que deita a barra adiante ás proposições mais gravemente burlescas que Henry Monnier poz na bocca do seu famoso José Prudhomme:

«Um uniforme especial inculca aos outros o respeito devido ás altas funcções de quem o traz: indica a este continuamente os seus deveres; e no uniforme proposto a popularidade do feitio unida á respeitavel significação da bordadura mostra como a fortaleza do throno é a melhor garantia da liberdade da nação!»

Que symbolismo se pode encerrar n'umas calças azues e n'um chapeu armado!

«A popularidade do feitio unida á respeitavel significação da bordadura», eis o que symbolisava a casaca azul! Calças azues—a liberdade da patria. Chapeu armado com presilha de prata—a fortaleza do throno. A casaca era a popularidade, os bordados da gola eram a respeitavel significação.

—José, diria um deputado, escova a minha popularidade!

—Maria, exclamaria outro, a liberdade da patria precisa de uns fundilhos!

—Uma presilha nova para a fortaleza do throno!

Quando os deputados despiam o colete branco, esqueciam-se immediatamente dos seus deveres!

Muitas vezes, á noite no theatro, n'uma sala, em ardente conversação politica, succederia dizer-se a alguns deputados: Lembrem-se dos seus deveres, representantes da nação.

E elles, largando tudo, correriam a casa, e em ceroulas, enfiando as calças azues, diriam para as esposas, inquietas, que lhes perguntariam o motivo de tanta azafama:

—É para me lembrar dos meus deveres. Estava agora com o Chico Menezes, e elle perguntou-nos pelos nossos deveres. Não nos lembrámos nem á mão de Deus Padre! Pois se nós estavamos sem uniforme! O uniforme, como diz muito bem o José Antonio Guerreiro, serve para nos lembrarmos dos nossos deveres.

—O que! diria alguma das esposas menos patrioticas. Tu para te lembrares dos teus deveres, vestes as calças azues, e pões um chapeu armado! Nunca, sr. Simplicio, nunca! Vou pedir a separação.

O debate, que se travou depois na camara, a proposito d'este assumpto, foi divertidissimo. O artigo 30 do regimento dizia:

«Nenhum deputado pode assistir á sessão sem estar vestido com o uniforme de deputado, ou com habito talar se fôr ecclesiastico.»

Revoltou se contra este despotismo, na sessão de 21 de novembro de 182[illegible], o deputado Rodrigo de Sousa Castello Branco:

«Não temos obrigação, dizia elle, de obedecer ao que a camara mandar, saindo do fim para que aqui nos congregamos; não nos pode prescrever o modo de passeiar, de comer, etc., e n'esta ordem julgo eu incluso o de vestir.»

E, depois de se indignar contra esta imposição tyrannica de um uniforme, depois de declarar que não admittia que a camara lhe podesse prescrever o modo como havia de se vestir, mandava para a meza uma proposta para que os deputados fossem á camara vestidos com casacas pretas, coletes pretos, etc. Para um homem que não queria que a camara determinasse o modo como

os deputados se haviam de vestir, não deixamos de achar curiosa a proposta.

Então levantou-se Luiz José Ribeiro, que foi depois barão de Palme, e fez a seguinte observação perfeitamente extraordinaria:

«Os deputados não precisam de vestidos para ter maior prestimo»!!

Se se compenetrassem d'essa maxima todos os deputados, e quizessem mostrar o prestimo que tinham, sem essa superfluidade das vestimentas, deviam ser curiosas as sessões da camara.

Foi isso o que parece que assustou Alexandre Thomaz de Moraes Sarmento, porque se levantou logo para observar que «emquanto á assistencia ás sessões é muito de julgar que os srs. deputados hão de vir com a decencia que é de esperar de quem tem a honra de entrar n'este recinto.»

A cautella não deixava de vir a proposito, depois da affirmação um pouco arriscada de Luiz José Ribeiro. Mas o melhor de todos foi Antonio Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira Girão, depois visconde de Villarinho de S. Romão, que, para mostrar a conveniencia de terem os deputados chapeu armado, presilha e calças azues, recorda gravemente o que tinham feito os egypcios, os gregos, e os romanos. Cita, para mostrar as vantagens do uniforme, a impressão produzida nos Gallos de Brenno pelos senadores romanos, que se tinham sentado, de chapeu armado e casaca, nas suas cadeiras curúes á entrada do Capitolio. Cita á camara estupefacta o caso de Papirio. Lembra, com uma erudição assombrosa, o effeito produzido em Attila por S. Leão, que foi ao seu encontro de chapeu armado tambem, e emfim, arrastado por um impeto oratorio, exclama que Cicero e Catão usavam tambem casaca azul ou coisa equivalente, e que era portanto necessario um uniforme que dissesse aos deputados a cada instante: «Lembrai-vos, senhores, que milhares de homens confiam de vós os seus mais sagrados interesses: fazei por ganhar um nome illustre, unico bem que os tyrannos jámais poderão roubar-nos e que o tempo respeita, apesar de roer os bronzes e os marmores.»

O que os chapeus armados diziam n'aquelle tempo!

Mas, depois d'esta *tirade*, o futuro visconde de Villarinho de S. Romão muda de tom, e termina d'esta forma o seu discurso, que principiára com Papirio e Attila:

«Agora o ponto sobre que eu quero chamar a attenção da camara é este. Nós estamos no inverno, temos de ir a muitas deputações, e o vestido de seda, que se usa, não só nos expõe ao risco de morrer de frio, mas provoca o riso n'esta estação; se, pois, o artigo não passar, devemos arranjar algum outro que concilie a decencia com a saude; póde ser de veludo ou coisa semelhante; porque na verdade não tem graça nenhuma morrer gelado; é melhor viver para colhermos um dia os fructos sazonados da bella arvore da liberdade.»

Girão queria ser heroe, como os senadores romanos, mas heroe abafadinho. E' claro que, se as vestes senatorias de Papirio não eram de flanella, e se Brenno entrou em Roma no inverno, escusavam de contar com elle para a scena do Capitolio. Heroe quanto quizessem, mas nada de constipações.

Afinal este grave debate concluiu com as seguintes palavras de João Henriques do Couto.

«Se o uniforme não caracterisasse o homem, seria inutil que os clerigos, os bispos, etc., fossem vestidos de outra maneira; por conseguinte voto pelo uniforme para caracterisar.»

Concordaram os illustres deputados que se deviam todos caracterisar, e votou-se o uniforme, proposto com tão graves razões por José Antonio Guerreiro.

Esta discussão é que já é por si, devemos confessal-o, bastante caracteristica.

PINHEIRO CHAGAS.

AS MÃES

Oh santas que embalaes os berços das crianças,
E assim lh'os revestis de floreaes esperanças;
Que andaes sempre a cuidar das almas por abrir,
E a verter-lhes no seio o germen do porvir!
Sois vós, que pela mão, da gloria á vida inquieta
Levaes em vosso filho, um pallido propheta,
Que é Newton ou Petrarcha, Angelo ou Raphael,
Com o pincel e a penna, o compasso e o cinzel,
Fazendo enobrecer quem lhes seguir o exemplo!
Sois vós que o conduzis ao portico do templo
Onde o porvir coróa os genios immortaes,
E mal chegadas lá de todo o abandonaes,
Sem aguardar sequer, nas sombras de uma arcada,
A grande acclamação que festeja a entrada!
E modestas que sois! Tornaes a vosso lar
E só vos contentaes em vel-o atravessar
Coroado de laureis a fronte scismadora,
Um arco triumphal que o cerca d'uma aurora.
Mas nós, cabeças vãs, escravos do amor,
Andamos a dizer: «Beatriz! Leonor!»
E o nome vosso, oh mães, não lembra um só instante.
Quem sabe o nome vosso, oh mães de Tasso e Dante?
Oh santas! por isso; lá tendes o Senhor
Que vos cobre de luz, de bençãos e de amor,
Fazendo abrir ao sol as vossas esperanças!
Oh santas, emballae o berço das crianças!

GUILHERME BRAGA.

AS NOSSAS GRAVURAS

CURIOSAS!

Tão curiosas como as mulheres só conhecemos as creanças, mas quer-nos parecer que as primeiras levam grande vantagem sobre as ultimas.

Veja-o aquellas duas ladinas moçoilas da nossa estampa, e digam-nos se nos seus rostos alegres não está pintada a curiosidade.

Uma espreita pelas frestas do tapume, deliciando a vista na contemplação indiscreta do que lá vae por dentro. A outra está impaciente porque a companheira largue o poiso e lhe ceda a vez; denuncia já, n'um sorriso fresco, o antegozo d'alguma scena d'amor devassada, d'algum pequenino escandalo descoberto...

O demonio é que a mais curiosa, a que espreita, não quer abandonar o posto, nem parece muito resolvida a desprender os olhos do que está vendo.

Verdade seja que depois vae contar á companheira tudo quanto desfructou, mas do visto ao pintado a distancia é enorme; por mais naturalista que seja a narrativa, grande coisa é poder dizer:—eu vi.

Mas, afinal, o que despertará tamanha curiosidade? Algum idylliosinho amoroso colhido em flagrante? Iamos apostar que sim.

NO VERÃO

Temos por cá d'estas bellas paizagens, sem precisarmos de ir contemplal-as aos campos da Suissa pittoresca ou da França arrebicada.

Até parece que o bello quadro de Deiters foi copiado das formosas campinas da Beira, n'um dia quente e claro de agosto, quando o sol cae a prumo na espessa folhagem dos castanheiros e põe scintillações movediças na superficie crystalina dos regatos.

TEMPOS QUE JÁ LÁ VÃO

Bellos tempos na verdade!

Aquellas gerações já de todo extinctas não eram corroidas pela doença da moda hodierna—a pallidez anemia que ahi vae gastando a geração nova sem sangue nas veias nem vigor nos nervos cansados.

Usavam-se, então, *toilettes* grotescas, é certo: vestidos multicores de cintura a bocca, e toucas incommensuraveis com folhos caprichosos de rendas caras.

Se agora vissemos, por essas salas do grande mundo, o estravagantissimo vestuario d'aquella respeitavel velhota que se delicia na audição dos accordes do cravo, teriamos talvez para ella um riso de mofa.

Em compensação ella rir-se-ia da palludez chlorotica dos rapazes de hoje, teria chascos justissimos para as velhices precoces que ahi pullulam, mostrando-nos o vigor dos seus oitenta invernos muito mais sadios que as nossas trinta e tantas primaveras.

Bellos tempos eram aquelles, repetimol-o. Se então existissimos, estariamos hoje, seguramente, muito mais avançados em annos, mas muitissimo mais novos no aspecto.

O TOUREIRO PICADOR

Prepara-se. D'aqui a pouco apparece o primeiro touro na praça, e elle quer estar lá para se embriagar com as palmas do publico e com o cheiro do sangue.

Morrera mais um cavallo nas hastes do animal, mas o toureiro não pensa n'isso. Que lhe importa?

Nasceu em Sevilha, a patria do pandeiro e das touradas, e continua a dedicar o mesmo respeito áquella tradição de familia, que é um dos habitos nacionaes—*A los toros!*

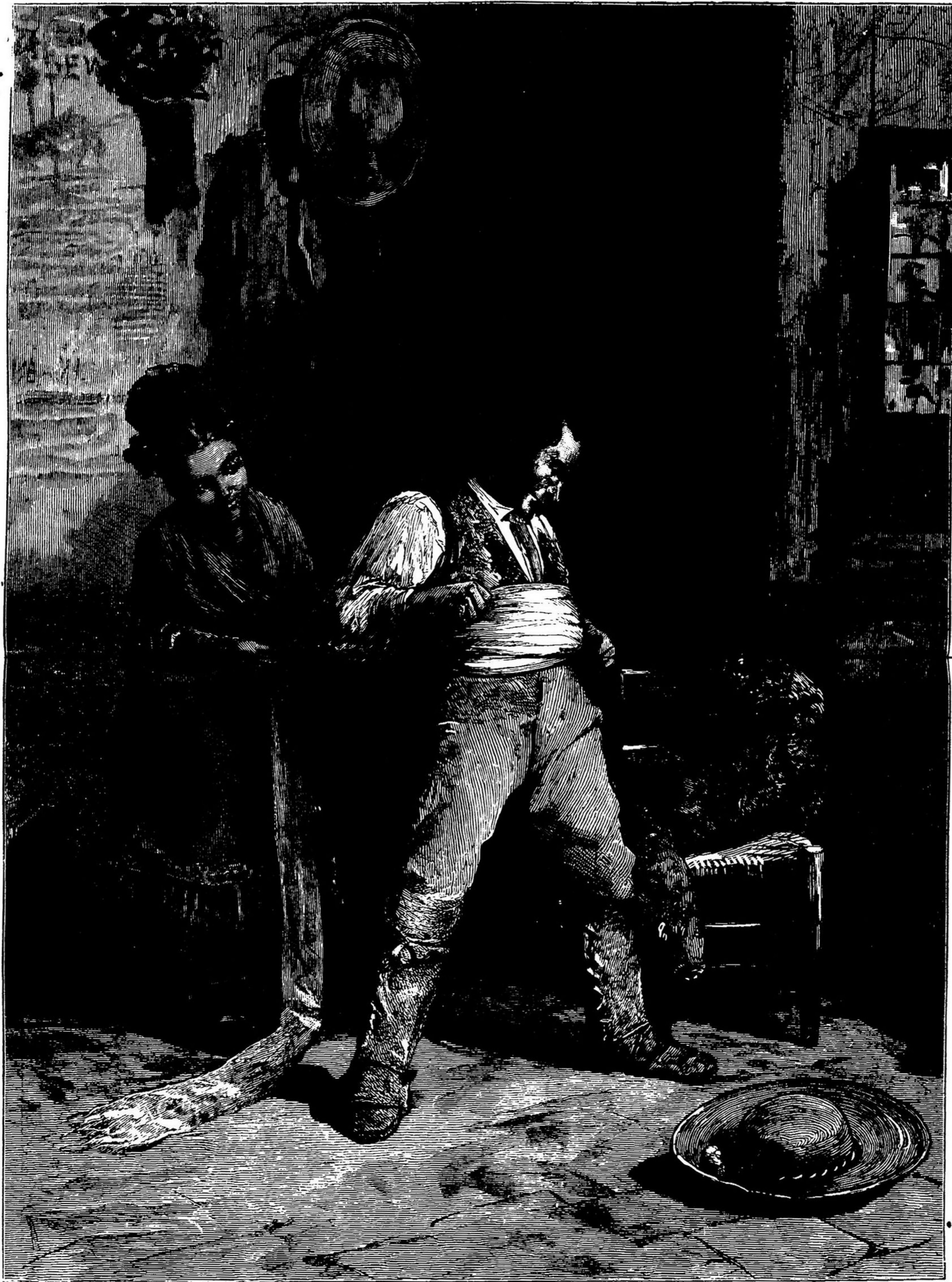
E lá vae, alegre, enthusiasmado, todo ufano com o seu traje de cores variadas, esquecido do sobresalto da mulher, que o ajuda a vestir e que fica em casa, talvez afflicta, angustiada, n'uma anciedade que a despedaça, que a mortifica!

E depois, quem sabe?

Ella é andaluza, e as andaluzas adoram os perigos.

HOSPITAL REAL DE SANTO ANTONIO NO PORTO

Como é geralmente sabido, a confraria da Misericordia foi estabelecida em Portugal pela rainha D. Leonor, viuva de D. João

NO VERÃO (Quadro de H. Deiters)

O TOUREIRO PICADOR

(Desenho de L. Jimenez)

TEMPOS QUE JÁ LÁ VÃO (Quadro de Bakker Korff)

II, e o primeiro hospital d'esta confraria que houve no Porto era vulgarmente conhecido por *Albergaria de Roque Amador*, e achava-se em parte da rua das Flores. Em 1769 principiou-se a edificar, no sitio da Cordoaria, o novo hospital, para o qual o ecclesiastico lisbonense, D. Lopo de Almeida, deixou a maior parte dos seus haveres.

Este hospital, segundo o primitivo risco, devia ser quadrangular, mas como a hygiene reprove inteiramente o risco primitivo, as mezas e administradores hão continuado o edificio sem todavia alimentarem o proposito de completal-o tal como elle saiu da mente do architecto.

O aceio e caridade com que se tratam os doentes n'este hospital não são recommendações menores que a grandeza do edificio.

O hospital real de Santo Antonio tem uma excellente lavanderia a vapor.

NUNQUAM FLEBILIS

Nunca choras mulher! Sempre o teu rosto
formoso como um sonho de Ticiano,
ha de esconder esse tremendo arcano
que te consome a vida em tal desgosto!

Nunca! pois nunca, ó divinal composto,
vagando á beira do saudoso oceano,
perla d'amor, em teu martyrio insano,
beijar-te vem as horas do sol posto!?

Ai! chora uma só lagrima na vida!
a gota rosi-argentea das auroras
caia em tua alma triste e resequida!

A's tuas negras, ermas, crueis horas,
desça orvalho do céu! Chora querida!..
Tenho medo de ti! porque não choras?..

THOMAZ RIBEIRO.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

P. DOS S. M.—Lisboa.—Perdoe, pelo amor de Deus, mas não pode ir nenhum dos tres *sonetos*, o que sentimos. Aquillo nem chega a ser verso.

INDISCRETO.—Lisboa.—As suas charadas apresentam o grandissimo inconveniente de não ter conceito.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Em Roma vôa esta ave—2—2.

Em casa não existe esta medida—1—2.

CARLOS HELIOGÁBALO.

Este deus suspende uma fera e um nome—1—1—2.

Está no convento este apellido e no jardim—2—2.

Esta lettra é bella por sêr nome de mulher—1—2.

Este apellido no corpo é um embuste—1—1.

No campo e no jardim vejo esta planta—2—2.

Anda esta ave por ser uma joia—1—2.

MIGUEL TH. DOS SANTOS.

Na musica este jogo é moço de egreja—1—2.

Conheces esta senhora e esta mulher? Pois olha que é uma mulher.

J. J. DA COSTA.

Antes de morta não diz a verdade—2—2.

J. P. L. TRINTA.

TELEGRAPHICAS

A's direitas na habitação, e ás avéssas no exercito—2.

A's direitas adverbio e ás avéssas circulo—2.

A's direitas planta e ás avéssas nome de mulher—2.

A's direitas come-se e ás avessas é animal—2.

A's direitas e ás avéssas não se pergunta ás senhoras—3.

MANUEL CUSTODIO RAMOS.

EM VERSO

Pelo mundo sempre errante,
Carpindo a sorte maldita,
Aos povos ia mostrando
A raça cosmopolita—3

Mas um garoto da rua,
Ao vel-a assim humilhada,
Da pobreza escarnecia
Em continua gargalhada.—2

Quando, porém, a mulher
Se mostrava lacrimosa,
O garoto a recebia
Em zombaria airtosa.

A. DINIZ CAVALLEIRO.

ADIVINHAS POPULARES

Eu ando leguas n'um pé,
Tenho estrada em toda a parte,
Mas o sitio onde m'escondo
Não descobrio inda a arte.

Uns appetecem-me fraco,
Outros desejam-me forte,
O afoito que me não teme
A' vezes entrego á morte.

Sou muito desarranjado
E nada sei arrumar,
Antes deixo muitas coisas
Por fóra do seu logar.

Não sou negra de Guiné,
Nem vim da Costa de Mina,
Sou uma preta creoula
De estatura pequenina.

De calida nada tenho,
Ser fria é meu natural.
E por isso com meu sangue
Sei atalhar certo mal.

Tenho uma mãe muito farta,
Tão boa condição tem
Que, depois que cria os filhos,
Dá sustento a mais alguem.

LOGOGRIPHOS

(POR LETTRAS)

Usa-se—6—7—8—8—11
Nome—3—10—5—11
Rio—9—4—3—7
Toca—1—2—9—7

Toma cuidado, leitor
Olha que é enganador.

HOPE.

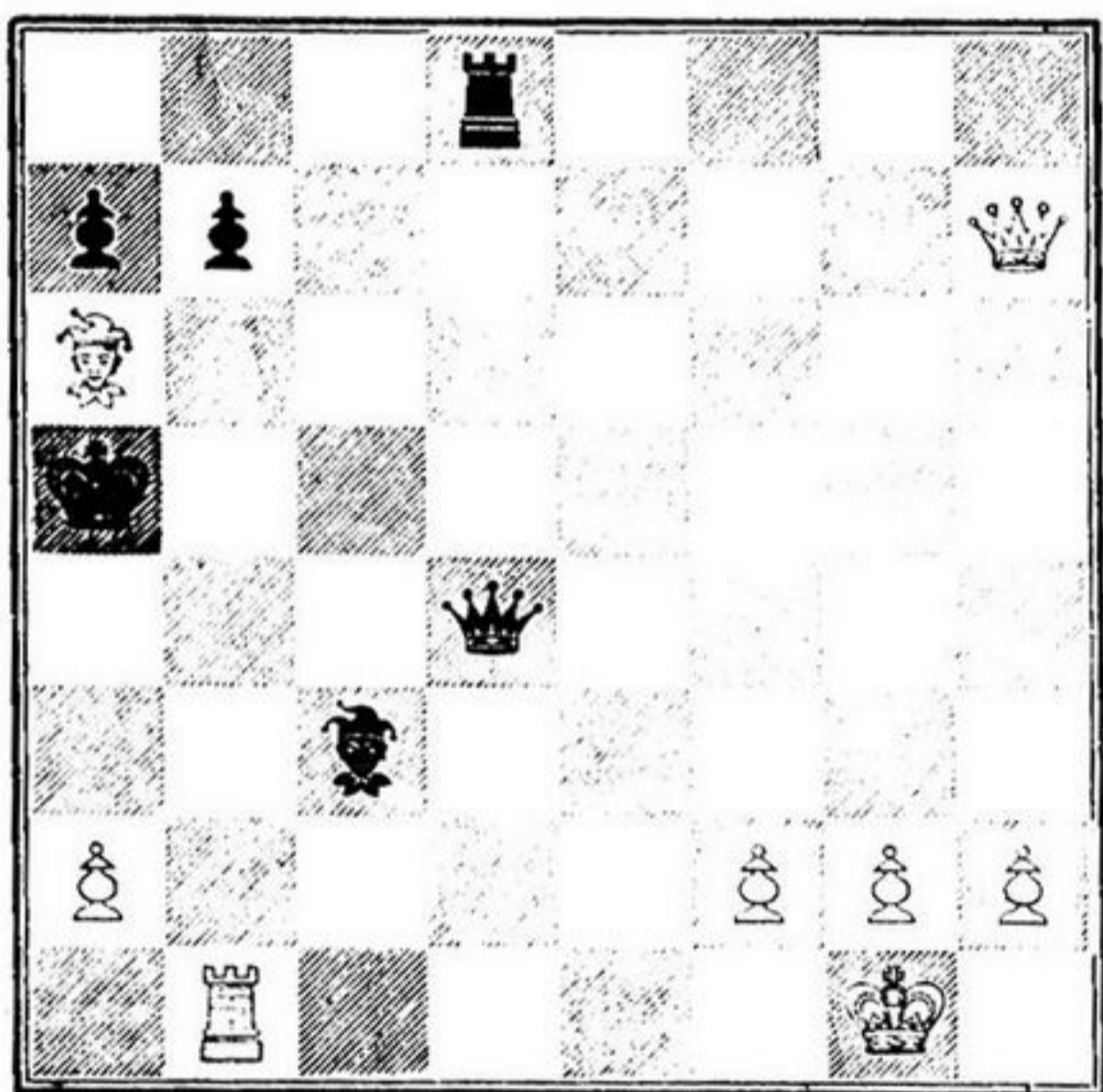
A' intriga eu dou começo—4—9—3—6—10
E no campo é meu lugar;—2—8—9—10
D'inverno sempre appareço,—1—9—5—7—3—9—10
Porém, depois do jantar.—6—2—8—10
Peço que, n'este mercado,—1—7—5—9—10
Não excitem meu rancôr;—5—9—10
Com bom methodo empregado,—10—9—4—7
Faz assim quem sente dôr.—10—3

Se fôr bem velha
E repellente
Tem muita telha
Toda essa gente
Que, mostrando ser parva e alvar,
Em mysterios a vá consultar;—
Mas, se fôr linda,
Joven, airosa,
De graça infinda...
Mui *salerosa:*
N'esse caso, até eu desconfio
Que a consulto... mil vezes a fio!

MIGUEL TH. DOS SANTOS.

XADREZ

PROBLEMA N.º 14

NEGROS

BRANCOS

Os brancos jogam e dão cheque e mate em tres movimentos.

PROBLEMA

Por quanto se comprou um cavallo que, vendido por 56 libras, deu por cento tanto de ganho quanto o cavallo custou?

MORAES D'ALMEIDA

DECIFRAÇÕES

Das charadas.

1.ª—Fachina.
2.ª—Capote.
3.ª—Sacristão.
4.ª—Infanteria.
5.ª—Alimaria.
6.ª—Cameleão.
7.ª—Brigador.
8.ª—Loanda.
9.ª—Capacita.
10.ª—Aipo.
11.ª—Leopardo.
12.ª—Emilia.
13.ª—Rodo.
14.ª—Roma.
15.ª—Samora.
16.ª—Raul.
17.ª—Almaviva.

Da adivinha popular:—Castanha.
Do problema:—Pedro empregou 10 e Paulo 15 horas na viagem.

Xadrez—Solução do 13.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. P. 8 R. (pede cavallo—cheque)	1. R. casa D.
2. P 8 C. D. (faz D—cheque)	2. R. 2 R.
3. D. 6 D. (cheque e mate).	

Do logogripho:—Paremia.

A RIR

—Justina, vá fazer-me uma *omelette.*
—Mas senhor, não ha ovos...
—E' o mesmo, faça-a com qualquer outra coisa

*

Celebrava-se um casamento, n'uma egreja de Lisboa, e o parocho fazia uma prédica á noiva, dizendo lhe:
—A mulher deve seu pre seguir seu marido para toda a parte.
—Oh! senhor prior, interrompeu ella, isso é absolutamente impossivel, porque meu marido é carteiro.

*

—Então morreu-te um tio e não me disseste nada?!
—E' que está para morrer minha sogra, e queria dar-te de uma assentada, duas boas noticias.

*

Uma senhora muito nutrida escorrega no asphalto dos passeios da rua Larga de S. Roque, e cahe.
Felizmente cahio ficando assentada.
De volta a casa, manda chamar o dr. X..., que é um homem de espirito, e pergunta-lhe, mostrando a parte molestada.
—Doutor, acha que ficará signal que se veja?
—Isso depende de v. ex.ª

*

Cumulos da contradicção:
Um anão morar no alto do Longo
Amanhecer no Valle Escuro.
A falta de uma botica na rua dos Remedios.

UM DOMINÓ

UM CONSELHO POR SEMANA

LIMONADA GAZOZA

Assucar branco em pó........	40 grammas
Essencia de limão............	2 gotas
Bicarbonato de soda...........	4 grammas

Mistura-se tudo, e para se fazer a limonada deita-se um pouco d'estes pós em uma garrafa quasi cheia de agua e junta-se-lhe 4 grammas d'acido tartarico. Rolha-se e agita se. Pela decomposição do bicarbonato de soda produz-se o acido carbonico, que dá á agua um sabor semelhante ao do *Champagne.*

UM IDYLLIO MALLOGRADO

A M. L.

Foi por uma radiosa manhã de outomno que eu surprehendi o segredo d'aquelle idyllio.

Soprava uma viração aguda e fria, que se cravava na pelle como o bico acerado de um punhal.

O céo, luminoso e calmo, tinha a indolencia contemplativa de um visionario, que desfructa, estendido ao sol, a doçura inebrian de um sonho.

Sentia-se no ar, de uma transparencia crystalina, de uma nitidez diaphana, a agonia mysteriosa do outono, cedendo o passo ás tumultuosas e devastadoras lutas do inverno.

No mar, chicoteado pela nortada, ondeavam grandes rolos de espuma, que coroavam o dorso azul das vagas, acenando de longe, como lenços brancos, agitados em um adeus convulsivo por mãos invisiveis.

O junca!, amarrotado pelo vento, desgrenhava-se, sacudindo no amplo espaço a cabelleira intonsa.

Ella veio passeiar para o terrado, exhibindo á luz do sol a gra-

ciosa fragilidade da sua figurinha delicada, de uma *coquetterie* diabolica.

Tinhamos travado relações logo desde o primeiro dia da minha chegada á aldeia.

Sempre que ella descia ao terrado, eu chegava á janella.

Dizia-lhe *bom dia*, e a *mignonne* comprimentava-me, agitando a cabecita airosa, fitando-me com as suas pupillas redondas e esmaltadas, como os olhos das japonezas.

Ás vezes, depois de jantar, offerecia-lhe parte da minha sobremeza: ella acceitava, com o silencio imperativo dos orgulhosos que se julgam dispensados de agradecer os favores recebidos.

O meu encanto, o segredo da minha sympathia, provinham exactamente do grande ar principesco da minha visinha, por quem eu me privava, sem hesitar, da mais succulenta pera e da melhor talhada de melão que me caiam no prato.

Não conversámos nunca, mas entendiamo-nos maravilhosamente.

A despeito do seu aspecto franzino, da sua etherea magreza á Sarah Bernhardt, da sua altivez desdenhosa, percebi que a minha visinha sentia, como poucos, o alcance philosophico e realista do célebre verso de Casimiro Delavigne:

«*Et c'est par les diners qu'on gouverne les hommes.*»

Conhecia as predilecções gastronomicas, mas ignorava totalmente quaes as predilecções affectivas que poderiam agitar o pequeno coraçao que batia n'esse corpinho alado.

Notára que a minha visinha andava quasi sempre só, desviando-se intencionalmente dos grupos ruidosos e conservando, no meio das companheiras que doidejavam, permittindo-se, em dialogos animados com os seus admiradores, familiaridades inconvenientes, a isenção de uma organisação superior, que reserva todos os seus thesouros para um ente escolhido.

A's vezes, ao cair da tarde, quando as outras cantavam ao desafio, rendidas ás seducções dos Lovelaces que lhe arrastavam a aza, ella fugia para o alto de um comoro, fronteiro á minha casa, e ahi, silenciosa, uma leve melancolia no olhar, envolvida na poeira luminosa que cahia do alto dos céos, as formas delicadas recortando-se no azul do espaço, assimilhava-se a uma d'essas figurinas ondeantes e fugidias, desenhadas por Doré, que se despregam da crista denticulada dos rochedos e desapparecem, engolfando-se nos mysteriosos nimbos . .

Cheguei a desconfiar que a minha visinha usava meias azues: no dia em que essa suspeita me atravessou o espirito, comi a sobremeza toda, desde a colher de doce até á fatia de queijo, e não cheguei á janella.

Na manhã immediata, a divina manhã de outono, a que eu quizera, se possuisse uma lyra, dedicar um poema, uma surpreza esperava-me!

Ella, a fria, a soberba, a desdenhosa creatura, amava!

Deus meu! Como me senti feliz e disposta a sacrificar a sobremesa, desde o doce até ao queijo, ao adquirir a certeza que a minha visinha não estragava a ideal e branca pagina da mocidade, maculando-a com tinta de escrever.

Eis aqui como eu fiz a preciosa descoberta.

Ella appareceu no terrado, caminhando com o passito leve e subtil de uma pessoa que vae ao encontro da felicidade.

De repente, agachou-se na sombra projectada pelo comoro e de cabeça voltada para a vinha, onde o sol entornava ondas de luz sobre as vides, despojadas de uvas, alastrando na terra argilosa as folhas de um verde melancolico, esperou.

Cinco minutos depois, elle assomou glorioso á cancella da vinha, deu um pulo, sacudiu na claridade triumphal da manhã, escorrendo em azul e oiro, a cabelleira reluzente, soltou a voz metallica, que vibrou como um timbre, percutindo a doce atmosphera matinal, e veiu cair-lhe aos pés.

Uma entrevista: era evidente!

Ineffaveis extasis de duas almas que se completam, divinas commoções de dois olhares que se cruzam, jubilos incomparaveis que se resumem no breve segundo em que a palavra *amor* desabrocha nos labios como uma rosa, e cahe na alma como uma perola, só o poeta que soube definir-vos poderá descrever o arrebatador idyllio, surprehendido pelo meu indiscreto olhar!..

HOSPITAL REAL DE SANTO ANTONIO, NO PORTO

Eu não ouvia o que diziam os dois namorados, perdidos na plenitude da felicidade, isolados no inaccessivel paraiso dos escolhidos; mas os seus gestos eram mil vezes mais eloquentes do que a palavra humana.

. . . .

Uma semana mais tarde, a aldeia, seguindo o exemplo dado pelo orbe catholico, festejava o dia de Todos os Santos.

Uma bruma alvacenta, como um sudario, envolvia essa funebre manhã, em que se esboçava vagamente a primeira estrophe da ballada dos mortos.

Um presentimento doloroso como um espinho, pungia-me o coração.

Abri a janella. Do céo baixo e cinzento, onde rolavam pezadamente, como enormes peças de artilheria, grossas nuvens prenhes de aguaceiros, caia uma chuva miudinha, impertinente, cuja humidade fria e lenta trespassava os ossos e chegava ao sangue, paralisando-o nas veias.

Procurei a minha visinha, chamei-a, respondeu-me a mudez do ecco.

Occorreu-me um expediente: imitei a voz do Romeo e esperei, palpitante.

O mesmo silencio!

N'essa occasião, um trovão estalou, resoando nas gargantas das serras e morrendo ao longe, com a vibração plangente do *De Profundis*.

Na escura tela das nuvens o relampago abriu um sulco de fogo...

Ouvi confusamente sinos que dobravam e vi passar, á luz esverdeada dos relampagos, dois cadaveres.

O coração não mente nunca!

N'essa mesma tarde, á hora em que eu encetava desoladamente a sobremeza, soube que a minha vizinha, degolada em holocausto á solemnidade do dia, jazia, embrulhada em canja, no estomago do padre prior, e que Romeo, córado e recheiado de *purê* de batata, fôra abrilhantar o jantar do sacristão.

GUIOMAR TORREZÃO.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso..............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA